"New York Times" focaliza Brasília e Aparecido

Capital do Brasil: dores do envelhecimento aos 25 anos

2 THE NEW YORK TIMES, SATURDAY, AUGUST 3, 1985

Brazil's Capital: Old-Age Pains at 25

By ALAN RIDING
Special to The New York Times

BRASILIA — Soon after a new civilian Government was installed in Brazil in March, the three aging men who designed Brasilia were invited to return here to see what went wrong and what can be put right with their 25-year-old project.

The Talk of Brasilia

They accepted with enthusiasm. Having been ostracized by the military regime that ran Brasilia during 21 of those years, the urban planner, Lucio Costa, 83 years old; the architect, Oscar Niemeyer, 77, and the landscape artist, Roberto Burle Marx, 76, immediately blamed the former dictatorship for mistakes in the young city's upbringing.

"We're lucky that all three are still active," the capital's new Governor, José Aparecido de Oliveira, said. "Those who say Brasilia was built to be beautiful but not functional are wrong. The military rulers did not try to keep Brasilia alive. They accepted it as a fact but without conviction or enthusiasm."

Asked to "rethink" Brasilia, its three "parents" have much to contemplate. They had prepared for a population of 600,000 by the year 2000, but Brasilia already has 1.6 million inhabitants, two-thirds of them living in eight dormitory shantytowns nick-

Complaints from well-settled migrants are rarely of an esthetic nature. "On a plain with a lot of sun, a city of glass was constructed," a Brazilian diplomat said. "This forces you to have air conditioning 300 days a year. You also have to put up curtains, so lights are always on."

But for newcomers, the entire city seems unwelcoming. Its central area of wide avenues and myriad ministerial buildings, with few trees and fewer pedestrians adding life, is like a body without a soul. The rest is divided into sectors — of hotels, banks, embassies, apartment blocks and mansions — that seem the antithesis of natural urban growth. "It reminds me of a mixture between Pyongyang and Dallas," one newly arrived foreigner said.

Social life is a particular problem. In each residential section, there is a street with a row of stores that, by design, includes a bakery, a butcher shop, a pharmacy, a dry cleaner and so on. But it rarely serves as a gathering point for locals. That must take place in private homes and clubs. "The divorce rate is higher than elsewhere," said an official in his ninth year of residence and his third marriage. "The city doesn't have many outside stimuli. It forces you to think."

•

In the final years of the military re-

The new Government has been plagued by this pledge. Several ministers took over the homes occupied by their predecessors, albeit agreeing to pay rent. Others, more sensitive to public opinion, took modest apartments. In June, the Government said two mansions would be offered for sale to test the market.

The political need to exhibit the "mordomias" of the past, however, was satisfied by allowing reporters inside the Government-owned ranch long occupied by the former President, Gen. João Baptista Figueiredo. A stable for 36 horses, kennels for 15 dogs, a sauna, a gymnasium, a beauty salon, a cinema and extensive living quarters on about 100 acres of land were immediately made public.

After the President-elect, Tancredo Neves, died April 21 without taking office, his successor, José Sarney, also announced pointedly that he would take up residence in the official Alvorado Palace; the last two First Ladies refused to live there because faulty air conditioning wafted kitchen smells into reception areas.

•

From the time of its construction in the late 1950's, Brasilia served as a magnet for poor migrants from the northeast. They found jobs on building sites and built shacks nearby. Even before it was inaugurated, the went, would be immediately sold off.

José Aparecido de Oliveira, left, Governor of Brasilia, with Oscar Niemeyer, the architect of the Brazilian capital. Behind them is the cathedral.

The New York Times focalizou Brasília, Aparecido e Niemeyer em alto de página

Algo está mudando em relação a Brasília e lembra um pouco dos anos sessenta, quando a capital do Brasil era notícia em todo o mundo, como símbolo de admiração dos povos. Ao longo dos 21 anos do regime autoritário, Brasília tomou uma nova postura diante da opinião pública: em geral só era notícia como fonte de corrupção ou emergências. Atualmente, a capital brasileira volta a ser lembrada fora dos pobres limites das notícias de gabinete ou dos "releases" - como o centro das mudanças nacionais. E foi assim que a viu o correspondente Alan Riding, nesta matéria especial elaborada a 4 de julho último e publicada pelo "The New York Times", no dia 3 de agosto, sábado passado. A volta de Oscar Niemeyer, trazido pelas mãos do governador José Aparecido, juntamente com Lúcio Costa, foi, para o jornalista americano, um sinal dos novos tempos que aparecem por aqui.

ALAN RIDING
de The New York Times

Logo depois da instalação em março último de um governo civil os três homens que idealizaram Brasília foram convidados a voltar à cidade e ver o que aconteceu de errado e o que poderia ser consertado no seu projeto aos 25 anos de idade.

Eles aceitaram a missão com entusiasmo, pois foram colocados no ostracismo pelo regime militar que mandou em Brasília durante 21 anos. O urbanista Lúcio Costa, 83 anos de idade, o arquiteto Oscar Niemeyer, 77 anos, e o paisagista Roberto Burle Marx, 76, imediatamente culparam a antiga ditadura pelos erros na construção da jovem cidade. "Nós temos sorte porque os três ainda estão na ativa, "disse o novo governador da capital, José Aparecido de Oliveira. Aqueles que disseram que Brasília foi construída para ser somente uma cidade bonita e não uma cidade funcional estão errados. Os líderes militares não tentaram manter Brasília viva. Eles aceitaram isto como fato, mas sem convicção ou entusiasmo. Pedidos a repensar Brasília, os seu três pais têm muito a dizer.

Eles prepararam a cidade para uma população de 600.000 habitantes até o ano 2000, mas Brasília já atingiu 1.600.000 habitantes 2/3 deles vivendo em 8 cidades-satélites, quase favelas, denominadas as anti-Brasília.

Eles também idealizaram uma capital política, mas ela funcionava mais como quartel-general para a sucessão de regimes militares, uma arena mais para ordens do que para debates. E com ninguém para protestar, novas construções foram permitidas com muito pouca consideração pelo esboço original.

Oscar Niemeyer foi o primeiro a chegar, e ele imediatamente pediu a remoção de um grande mastro de metal colocado em 1972 em frente ao Palácio Presidencial. Ele disse que isto quebrava a harmonia da Praça dos Três Poderes. No lugar, ele propôs novo Panteon dos Heróis, o qual rapidamente idealizou.

Acompanhado de José Aparecido ele visitou a Catedral e na ocasião sugeriu novas janelas para criar e efeito que ele havia pretendido. Ele também disse que o terreno sem uso ao lado e atrás da Catedral poderia acomodar o seus, há muito tempo arquivados, projetos para o Ministério da Cultura, o Museu da Cidade, a Biblioteca Nacional e o Arquivo Nacional. Mas Niemeyer pode fazer muito pouco em relação ao alto e novo edifício do Banco do Brasil, o qual ele disse, viola todos os regulamentos e planos. "Isto eles fizeram", disse o veterano comunista. Isto nos lembra o poder do dinheiro, o dinheiro tão mal distribuído neste País.

Diplomatas estrangeiros estão ainda desapontados com Brasília e políticos continuam a voar para o Rio de Janeiro, São Paulo ou para sua cidade natal nos fins de semana. Como resultado, a personalidade de Brasília — o Plano Piloto como é conhecido, a área urbana e projetada — tem sido traçada pelos burocratas.

Para aqueles com família, Brasília atrai.

Ela traz uma vida sem aborrecimentos, sem engarrafamentos ou poluição. Ela é livre de grandes crimes que convulsionam outras cidades brasileiras e ela oferece um sadio ambiente para as crianças. "Eu posso ir em casa para almoçar todos os dias e dar um cochilo" disse um antigo membro do Governo.

As reclamações dos migrantes bem estabelecidos raramente são de natureza estética. Numa planície com muito sol, uma cidade de vidro foi construída, disse um diplomata. Isto obriga você a ter ar condicionado 300 dias por ano. Você tem também que colocar cortinas, e as luzes estão sempre ligadas.

Mas para novos moradores, nem toda a cidade parece bem-vinda. Sua parte central, com longas avenidas e vários prédios dos ministérios, com poucas árvores e alguns pedestres perambulando é como um corpo sem alma.

O restante é dividido em setores: hotéis, bancos, embaixadas, blocos de apartamentos e mansões, o que parece a antítese do nascimento urbano natural. Ela me lembra uma mistura entre Pyongyang e Dallas, disse um estrangeiro recentemente chegado.

A vida social é um problema particular. Em cada setor residencial, há uma rua com uma fila de lojas que pelo padrão inclui uma padaria, um açougue, uma farmácia, uma lavanderia etc. Mas rarissimamente serve como ponto de encontro. Isto tem lugar nas residências e nos clubes. "O divórcio é maior que em qualquer outro lugar" disse uma pessoa do Governo no seu nono ano de residência em Brasília e no seu terceiro casamento. "A cidade não tem muitos estímulos. Ela força você a pensar".

Nos últimos anos do regime militar, Brasília era conhecida como a capital das "mordomias", o lugar onde se vivia bem com o dinheiro dos cofres públicos. "Era uma Versailles tropical, uma cidade privilegiada do resto do País" disse o governador José Aparecido.

Sem as forças de equilíbrio de um Congresso forte, antigos burocratas e políticos pró-governo determinavam suas próprias gratificações, o nepotismo florescia e muitos escândalos de corrupção continuam sem investigações, mesmo depois de terem sido expostos pelas novas autoridades.

Durante a campanha que precedeu à eleição no Colégio Eleitoral de um presidente civil, em janeiro, a oposição repetidamente atacava o regime militar quanto às mordomias, enfocando as 41 mansões pertencentes ao governo que eram ocupadas pelos ministros com aluguel gratuito. Com isso forjaram o **slogan** da campanha.

O novo Governo tem sido cobrado por essa promesa. Muitos ministros estão morando nas casas ocupadas por seus antecessores, concordando em pagar aluguel. Outros, mais sensíveis à opinião pública estão morando em modestos apartamentos. Em junho, o Governo disse que duas mansões seriam colocadas à venda para testar o mercado.

A necessidade política de revelar as mordomias do passado foram porém satisfeitas com a permissão da entrada de repórteres na Granja pertencente ao Governo que foi ocupada durante muito tempo pelo ex-presidente general João Baptista Figueiredo. Um estábulo para trinta e seis cavalos, canis para quinze cachorros, sauna, ginásio, salão de beleza, cinema, enormes residências, com extensão de mais ou menos cem acres de terras foram imediatamente escancarados..

Depois que o presidente eleito Tancredo Neves morreu no dia 21 de abril, antes de tomar posse, seu sucessor José Sarney anunciou taxativamente que iria morar na residência oficial, o Palácio da Alvorada; as duas últimas primeiras damas recusaram-se a viver lá porque o sistema defeituoso de ar condicionado levava o cheiro de comida para as salas de recepção.

Mais de um milhão de pessoas agora vivem nestas cidades obrigadas a gastar até um terço de seus salários em condução diária para o Plano Piloto. É grande a falta de moradia com quase cinco famílias vivendo em um lote só. E como a crise econômica no País atingiu a área de construção civil, o número de desempregados também cresceu.

Agora, paradoxalmente, o custo social de ter construído uma Capital não-industrializada poderá ser compensado atraindo indústrias — e novos empregos para Brasília. "Nós podemos encontrar fábricas que não afetem o ambiente" disse José Aparecido.

"Para as pessoas que vêm para cá, nós temos que dar a certeza de que o sonho se tornou um pesadelo", concluiu.